

OS SENTIDOS DA INTERAÇÃO E DA PERMANÊNCIA: DINÂMICAS DAS REDES SOCIAIS DE CUIDADO NA METRÓPOLE

Lívia A. Fialho Costa

Juliana Freitas

Resumo: Diferentes áreas do saber tem dedicado atenção ao tema das “redes sociais”. Diversas dimensões das redes têm, assim, se tornado objeto de estudo. Pensada como ‘cadeia de serviços’, ‘interconexão de agentes visando um atendimento eficaz’, e alcançando, muito recentemente, a noção de ‘espaço produtor de significados’, as *redes* são um dos mais amplos conceitos nas ciências sociais e aplicadas. Neste sentido, para especificar de qual dimensão se está falando quando o tema é redes, costumou-se associar um adjetivo. Para as Ciências Sociais, em particular para a Antropologia, discutir o tema das redes sociais implica um olhar atento para o ângulo das relações de reciprocidade aí implicadas.

Palavras-Chave: Família; Redes Sociais; Cuidado; Crianças; Metrópole

Redes nas Ciências Sociais

Uma larga produção acadêmica, partindo de variadas perspectivas e pressupostos, tem dado conta das diversas dimensões das redes. Pensada desde cadeia de serviços, passando posteriormente para uma utilização enquanto interconexão de agentes visando um atendimento eficaz, e alcançando, muito recentemente, a noção de espaço produtor de significados, o conceito de *redes* é um dos mais amplos nas ciências sociais e aplicadas. Neste sentido, para especificar de qual dimensão se está falando quando o tema é redes, costumou-se associar um adjetivo. Em Sociologia, o termo *redes*

sociais ganha força como conceito utilizado para dar conta dos movimentos de mudanças sociais na contemporaneidade, estando aliado à noção de globalização e novas tecnologias de comunicação (RADOMSKY; SCHNEIDER, 2007). Classicamente para as Ciências Sociais, em particular para a Antropologia, discutir o tema das redes sociais implica um olhar atento para o ângulo das relações de reciprocidade aí implicadas. A antropóloga inglesa Elizabeth Both publica, em 1957, uma obra que virá a ser uma referência para o tema. Trata-se do livro “Família e Rede Social”, resultado de um estudo com 20 famílias britânicas de classe média. A noção de rede social aparece aí bem delineada e articulada à noção de *classe*. A proposta da autora é tentar “compreender a organização psicológica e social de algumas famílias urbanas” (BOTH, 1976, p.27), articulando suas particularidades a um estudo da rede familiar extensa, recurso metodológico capaz de fornecer importantes pistas para a análise das diferentes estratégias de fortalecimento das resistências e de minimização das desigualdades sociais. A caracterização e as distinções entre os vários tipos de malhas da rede de relacionamentos propostos por Both (1976) torna-se referência metodológica para os estudos de família e papéis conjugais.¹ Em seu estudo, as redes são assim vistas como recurso ou como espaço coletivo de fabricação de estratégias de sobrevivência e mobilização de classe.

Um outro aspecto relevante para a Antropologia no que diz respeito às redes sociais é o caráter das redes, ou seja, o que mobiliza as pessoas no ato da interação e no sentido da permanência. Este longo debate mobilizou várias correntes de estudo na etnologia, em particular, na França, o funcionalismo, o funcional-estruturalismo e o estruturalismo. A discussão assenta-se sobre o caráter da reciprocidade, característica do trabalho das redes. Embora sem se reportar exatamente à ideia de redes, estudos clássicos, como os de Marcel Mauss (1974), vêm marcar a discussão fundando o debate sobre a solidariedade social e os sentimentos coletivos. O “Ensaio sobre o dom”, de Marcel Mauss (1974), é o primeiro estudo sistemático e comparativo de um costume – a troca como dom – e a explicação de sua função num sistema social. As análises sociológicas e etnológicas de Mauss, a partir dos achados de Malinowski (considerado o

¹ Descrevendo a configuração dos relacionamentos na família e na sua rede extensa, a autora propõe uma distinção entre malha estreita (caracterizada pela segregação dos papéis feminino e masculino), malha frouxa (pouca segregação de papéis) ou de transição (a malha estreita vai se tornando frouxa).

pai do trabalho de campo na Antropologia) sobre os trobriandeses da Polinésia, lançam uma luz sobre o caráter da dádiva. O autor sustenta a ideia segundo a qual a *troca* não se constitui numa operação mecânica, antes é uma operação moral que mantém relações humanas entre grupos e indivíduos. O paradigma do dom em Mauss é tomado recentemente por Allain Caillé (1998; 2002) para reafirmar o caráter antiutilitarista do dom, contrapondo-se às apreensões de Lévi-Strauss (1974) – teoria das trocas. O dom é, para ele, gratuito e a dádiva uma ação sem expectativa

Proposta de comunicação

A comunicação que propomos resulta de um conjunto de análises que realizamos de entrevistas feitas com mães ou principais responsáveis por crianças em idade escolar, moradoras de Salvador. Nosso propósito era entender como as redes, enquanto recurso ou espaço coletivo de fabricação de estratégias de sobrevivência, são mobilizadas. Analisamos, em particular, o caráter das redes, ou seja, o que mobiliza as pessoas no ato da interação e no sentido da permanência. O estudo compreendeu : 1/ Mães ou substitutas equivalentes de filhos pequenos, cursando ainda o ensino fundamental I (até 11 anos); 2/ Pertencentes a camada popular da população, moradoras de distintos bairros considerados de baixa renda; 3/ Pertenciam às seguintes configurações: Família conjugal; Família monoparental; Família chefiada por avó; Família recomposta (com a presença de padrasto); Família homoafetiva. A partir de um roteiro semi-estruturado buscamos coletar informações sobre a dinâmica interna de famílias de camada popular quando o tema é o “cuidado” oferecido, administrado, compartilhado, elaborado para crianças em fase escolar.